

---

**Licenciatura em Educação Física**

---

**Imaira Bertolini**

**Descompasso entre ensino e aprendizagem:  
O novo aluno.**



IMAIRA BERTOLINI

DESCOMPASSO ENTRE ENSINO E APRENDIZAGEM:  
O NOVO ALUNO

Orientadora: Profa. Dra. SURAYA CRISTINA DARIDO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado  
ao Instituto de Biociências da Universidade  
Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” -  
Campus de Rio Claro, para obtenção do grau de  
Licenciado em Educação Física

Rio Claro  
2010

796.07 Bertolini, Imaira  
B546d Descompasso entre ensino e aprendizagem: o novo aluno /  
Bertolini, Imaira. - Rio Claro : [s.n.], 2010  
47 f. : il.

Trabalho de conclusão de curso (licenciatura - Educação Física) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências de Rio Claro

Orientador: Suraya Cristina Darido

1. Educação física – Estudo e ensino. 2. Escola. 3. Professor. 4. Aluno. 5. Geração. I. Título.

## AGRADECIMENTO

Primeiro ao Pai do céu que nunca me deixou faltar nada e sou imensamente grata, aos meus pai Eduardo e Abigail, aos meus avós Sílvio e Elza e toda a família Bertolini e minha tia Beth, João e minhas primonas Thali e Tati. Todos vocês me deram suporte e apoio sempre que precisei e fazem minha vida especial, amo vocês.

À minha irmã Raína de quem eu sinto muitas saudades e que é minha melhor amiga e sempre vai morar no meu coração.

As meninas da Jackie Tequila (Amanda, Bia, Carol, Cíntia, Larissa “bixete” e Isa) que transformaram esses quatro anos em algo divertido e bem mais fácil com as festas, as brigas, as coisas estranhas que só acontecem aqui, as gatinhas (e gatinho), os momentos de tensão, de chamar a polícia por causa da Hannah, os almoços maravilhosos, as louças intermináveis, os banhos de sol no quintal, procurando coisas, perdendo chave, as bombas, as caminhadas intermináveis até o centro (por causa de um milk-shake), faxinas de sábado por não ter nada para fazer, vinho, pipoca, pimenta, filmes, danças na sala com músicas divertidas.

À Carol por dividir quarto comigo e me acolher mesmo antes de me conhecer, por embarcar comigo nas coisas mais sem sentido (atravessar Rio Claro para comer um lanche, ir para pira dançar ou em qualquer outro lugar) saiba que com você mesmo os momentos mais tensos se tornaram divertidas lembranças. À Amanda que me acolheu da melhor maneira possível e que se tornou uma amiga inesquecível e a quem desejo o melhor sempre, principalmente nessa nova caminhada que começou.

Bom, tudo que fez e sempre vai fazer essa república um lar. Amo vocês.

Ao pessoal do 4º BLEF Marcelo, Henrique, Mão, Alemão, Renato, Helder, Ícaro, Sorriso, Ayra, Aline, Karina, Angélica, Natália, Elisa, Chorão, Flávia, Dú, Luquinhas, Júnior, Guloso, Rodrigo, Fê, Thalita, Jéssica, Cacau, Guaxupé e todos que não citei, mas são tão importantes quanto, agradeço pelas festas, as aulas, ao futebol na chuva, churrascos, sorvetes, cinemas, sujos foi tudo bem divertido e não poderia ter sido melhor.

Aos veteranos Cutia, Dedão, Gigante, Cumprido, Fabinho (mixaria), Ive, Jéssica, Nina, Franz, Hantaro, Marol e todos que me acolheram e que mostraram que a UNESP é muito mais do que aulas, aos meninos da geologia Psiu, Filé e

outros que parecem estar aí, mas não teria sido tão divertido, ao Peru por ter sido brother esses anos e me ensinar “vira homem”, ao Sam e Febem que colocaram mais brilho nesses anos.

Aos bixos e bixetes Larissa (Carioca) que foi acolhida em casa, mas é bixete, Emil, Brutus e outros por tornarem suportáveis algumas matérias, Rosca pelas caronas e encontros aleatórios divertidos.

Amandinha por ser minha outra metade da laranja que foi a pessoa mais importante com quem convivi e me ensinou tantas coisas que não caberia aqui. Valeu por estar ao meu lado nos momentos mais intensos bons e ruins, por exigir de mim e compreender que às vezes sou assim mesmo e pode estar certa que não dá para esquecer pois você é a tradução da simpatia (mesmo de mau humor.. rs). Te amo demais!

À Suraya por ter me orientado no TCC, sem você não existiria nada disso e ao Samuel por me ajudar à refletir sobre o “ser professor” que me ajudou muito na construção desse TCC mesmo indiretamente.

Ao pessoal de Campinas que conheço há mil anos e que sinto saudades quando estou em Rio Claro: Pedrão, Rodolfo, Miguel, Jennifer e aqueles que conheci há pouco tempo como o André, Isaías, Itamar e Ítalo todos vocês são grandes amigos e tornaram esses anos (pelo menos a parte de Campinas.. rs) bem divertidos e especiais.

Agradeço à todos, pois esses quatro anos não teriam sido tão bons sem vocês.

## RESUMO

A Educação Física escolar parece passar por um momento de crise de valores, a escola está ensinando e o aluno efetivamente aprendendo? O ensino tem se convertido em aprendizagem significativa dos alunos? Parece que há falta de diálogo entre professores e alunos, o que acaba gerando desinteresse por parte dos alunos na sala de aula, muitas vezes refletida, em situações de indisciplina. A imagem do professor perante os alunos de anos atrás mostra-se transformada quando comparada com a imagem dos dias de hoje. Esse já não é mais o retentor do saber, autoritário e até mesmo temido ou seja sua imagem não parece muito bem definida para os alunos. As aulas não são tão interessantes para esses novos alunos que sofrem grande influência das novas tecnologias, com grandes quantidades de informação e tem necessidades que parecem não serem mais supridas, principalmente quando o professor não transforma sua metodologia de acordo com essas novas exigências. Portanto o objetivo desse estudo foi investigar a leitura que os professores experientes estão fazendo dos novos alunos, se perceberam diferenças entre os alunos ao longo do tempo e como estão adaptando suas metodologias para ensinar. A pesquisa foi qualitativa descritiva, que utilizou como método de coleta de dados uma entrevista semi-estruturada com professores que apresentam no mínimo cinco anos de docência e que sejam atuantes da área da Educação Física. Os principais resultados alcançados foi a percepção por parte dos professores de alunos com famílias desestruturadas, a influência das tecnologias, a indisciplina na escola, a falta de interesse nas aulas, agressão verbal e professores cansados com dificuldades de adaptar sua aula à realidade escolar, gerando um quadro que precisa ser mudado para que a cultura corporal consiga ser transmitida da melhor maneira.

## SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	6
2 OBJETIVO.....	11
3 JUSTIFICATIVA.....	12
4 REVISÃO DE LITERATURA.....	14
5 METODOLOGIA.....	26
6 RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	29
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	41
REFERÊNCIAS.....	45

## 1 INTRODUÇÃO

As gerações de alunos vêm mudando rapidamente devido a influências de novas tecnologias, as novas estruturas familiares, antigos valores transformados. Assim, a relação entre o aluno e a forma como vê o ensino e a escola também mudam constantemente. Esses parecem não acreditar mais na uniformidade e linearidade empregada pelo ensino da escola.

A cultura dos alunos é construída de outra maneira e sofre grande influência da mídia, de contatos sócio-afetivos diversos.

Possivelmente a família e a escola não têm o mesmo efeito que tinham há alguns anos ou em outras gerações e sua influência na identidade do aluno mudou e deixou de ser predominante e aceita sem contradições, existe uma tendência a discutir a validade dessas instituições. O aluno não busca apenas a escola para adquirir saberes e a escola não pode reconhecer esse aluno como um ser passivo tendo em vista tantas mudanças no cotidiano e nos valores da sociedade onde a cultura e realidade desse jovem não podem mais ser ignoradas.

Aquilo que muitas vezes o adulto deseja e visualiza da juventude é que ela obedeça e seja serena com aquilo que se quer ensinar. O que é impossível já que acaba batendo de frente com o novo aluno que não quer mais receber as coisas como os professores querem ensinar e muitas vezes precisam ser escutadas, pois tem sua própria realidade, é preciso que esse conhecimento faça sentido.

Segundo Sampaio (1997), antes os valores passavam de gerações para gerações, de professores para alunos e poucos questionavam, aqueles que o faziam eram repreendidos, o que leva a crer que o professor parece não mais querer ensinar se não for da maneira dele ou da maneira que está acostumado a ensinar “a vida toda”, mas esse novo aluno exige questionamento do que está aprendendo, faltando assim certa compatibilidade, o que gera a discussão sobre o que realmente consideramos como disciplina.

Além dessa falta de compatibilidade entre o que o aluno quer aprender e o professor ensinar percebe-se uma nova tendência de jovens cada vez mais interessados no seu “eu” e educados em uma sociedade que valoriza a criança de modo a fazê-la crescer sem traumas, sem negações que gera uma geração que não se importa mais com a opinião e o que é moralmente correto para os adultos, já que

os próprios adultos as valorizam mais do que as suas próprias vontades.

Sendo assim, é possível constatar uma falta de vergonha por parte dos alunos de desobedecerem às regras simplesmente por desobedecer e não por contestar, o que é essa regra e para que ela sirva, gerando assim diversos episódios de indisciplina na escola. Tais alunos não se interessam mais pelo espaço público e sim focam sua atenção no privado sendo mais importante para ele o “seu” do que a sociedade. Durante a vida desse aluno foi-lhe permitido fazer suas vontades, não precisando se preocupar com o mundo a sua volta, pois o sentimento de vergonha, que regula suas ações, desvaloriza alguns olhares e valorizam outros, que não necessariamente sejam seu professores.

Com essa reavaliação de quem é esse novo aluno podemos perceber a dificuldade encontrada no diálogo desse aluno com os professores, o que gera um entrave no processo ensino-aprendizagem. Muito disso está associada a algumas questões chaves para o ensino como o prazer da descoberta, a metodologia de ensino, a questão do contexto do aluno.

Segundo La Taille e Cortella (2005) no livro “Nos labirintos da moral”, concordar é colocar o coração junto e nesse aspecto parece que o processo ensino-aprendizagem está cheio de discordâncias das quais alunos e professores tornam-se responsáveis.

Nessa parte a imagem que o aluno elabora do professor leva em consideração parte da escola tradicional na qual o professor era visto como responsável por possuir todo e o verdadeiro conhecimento, tirando a possibilidade de o aluno ter qualquer reconhecimento durante sua aprendizagem, falando assim em uma educação bancária na qual o aluno é passivo. Parte dessa visão ainda é mantida por grande parte dos professores que ao desconsiderar o aluno como peça importante, acaba perdendo a figura de autoridade e passa a ser objeto de desrespeito, pois o aluno começa a ignorar o que se passa na sala de aula, já que não acha sentido para o conhecimento do professor dentro da sua realidade.

Em relação a questão da comunicação entre professor e aluno grande parte se dá pela falta de aplicação ou de ajuste de teorias que são difundidas durante o curso de graduação e da aplicação dessas, pois o professor mesmo tendo a formação na graduação acaba ensinando como foi ensinado durante o ensino básico. Está aí uma das grandes dificuldades de adequação da metodologia ao aluno, o que cai na tradição de ensino, pois ensino como fui ensinado e acaba

fechando a possibilidade de releitura do aluno e de mudanças no processo da educação. Tradicionalmente, psicólogos e pedagogos consideram a interação professor-aluno como a mais decisiva para a conquista dos objetivos educacionais, tanto dos que se referem à aprendizagem de conteúdos como dos que concernem ao desenvolvimento cognitivo e social (SALVADOR, 1984).

A educação passa por uma crise de valores que parece ficar clara quando há falta de diálogo entre professores e alunos, o que gera desinteresse por parte dos alunos na sala de aula, muitas vezes, refletida em indisciplina.

De acordo com La Taille (2005) a indisciplina pode ser considerada como sendo falta de disciplina que é força de vontade contra a própria vontade, ou seja, o aluno precisa controlar as vontades para que exista a disciplina e com isso o hábito de “abrir mão” de certos prazeres para que se possa ter um tempo dedicado a escola. Com isso o aluno aprende que a escola necessita de certo esforço, para que com disciplina possa-se conseguir o foco dentro da escola e com isso manter um nível de atenção aos estudos.

A imagem do professor perante os alunos de anos atrás se mostra transformada quando comparada com a imagem dos dias de hoje. Esse já não é mais o retentor do saber, autoritário e até mesmo temido, ou seja, sua imagem não parece muito bem definida para os alunos. Pensando assim em um novo conceito de autoridade sem autoritarismo para que a educação e o respeito possam ocorrer de maneira natural. Ao mesmo tempo esses professores e alunos trazem um discurso que acaba matando a força de vontade dos alunos com frases que indicam que eles não têm um futuro melhor do que as gerações passadas. Dessa forma ao diminuir a força de vontade mata-se a necessidade de disciplina. Pois para que estudar se todos desacreditam em seu futuro?

Dessa maneira torna-se necessária que a prática educativa deixe de ser mera recepção e se torne reflexiva sobre sua própria prática e avalie o *feedback* que os alunos dão para que realmente se quebre essa barreira tanto quanto viciosa que existe em o professor querer ensinar mais não olhar corretamente para o aluno e esse aluno que precisa se centrar e perceber que a disciplina é necessária para não cair no acaso do futuro e planejá-lo para que não se tornem desesperançosos.

Ao mesmo tempo percebe-se uma tendência dos alunos em achar que tem mais direitos do que deveres e com isso os professores e a educação acabam tendo que esclarecer, cada vez mais, a necessidade da educação não ter apenas direitos e

sim deveres. A juventude parece ter uma falta de compromisso com o futuro quando encarna o viver o hoje como se não existisse o amanhã o que gera dificuldades em planejar o futuro ao longo prazo. Contudo surge um ar de tédio ligado a aula por conta que a escola, como define La Taille (2005) em um de seus livros, é o oposto da danceteria onde as portas são fechadas para entrar, nela as portas se fecham para que se possa sair de lá e isso associado ao tédio dificulta o movimento de aprendizagem.

As aulas se tornam desinteressantes para esses novos alunos que sofrem grande influência da tecnologia com uma grande quantidade de informação e tem necessidades que parecem não serem mais supridas, principalmente quando o professor não transforma sua metodologia de acordo com essa nova exigência.

Dentro desse quadro irei avaliar como os professores da área de Educação Física estão lidando com o processo de releitura dos alunos ao longo de suas carreiras.

Quando esse quadro de indisciplina e dificuldade de comunicação entre professor e aluno se estabelece fica difícil construir um ambiente de acordos no ensino da Educação Física. Percebe-se essa dificuldade que ocorre no ambiente escolar, muitas vezes, por parte da comunicação que está dificultada entre alunos e professores por conta de motivos como a falta de leitura do novo aluno e falta de percepção do aluno com suas obrigações na escola.

A questão de novas metodologias é bem vista para tentar mudar o rumo que a falta de diálogo e de enxergar o novo contexto escolar que as mudanças no mundo trazem para a escola e na qual ela não consegue lidar com facilidade devido a diversas questões morais e tradicionalistas que mesmo com diversas correntes novas prevalecem no ambiente escolar.

Com a imposição dessas diferenças de geração e a leitura da cultura jovem que abrange e transforma rapidamente o modo com o aluno interpreta a “obrigação” da aula e o como ela deveria ocorrer tendendo cada vez mais a certo prazer dando a entender que o prazer está justamente em não participar das aulas e sim no ócio. Tal ócio que começa a aparecer como tédio e não tempo para lazer ou criação.

Essa mudança de comportamento e cultural traz à tona diversas dificuldades no espaço da aula de Educação Física, por exemplo, os alunos que simplesmente não querem participar da aula. Por não querer ficar sem justificativas na escola a aula de Educação Física torna-se bastante prejudicada quando cai na questão da

função, pois mesmo com a vantagem de contar com o movimento e o prazer, muitas vezes os alunos não levam a sério a matéria, além da dificuldade de alguns professores em adequar o conteúdo e inserir no contexto. Isso mais falta de vontade do aluno em escutar (e até respeitar) o professor gera um ambiente pouco prazeroso para a aprendizagem.

## **2 OBJETIVO**

Com isso o objetivo dessa pesquisa é investigar a leitura que os professores de Educação Física experientes estão fazendo desses novos alunos, se percebem diferenças entre os alunos ao longo do tempo e como estão adaptando suas metodologias para transmitir o conteúdo da Educação Física.

### 3 JUSTIFICATIVA

Quando se pensa em Educação Física escolar lembra-se de uma aula nos moldes militares, ou esportivistas que tendiam a excluir e escolher os mais habilidosos. O que foi determinante para a concepção da disciplina e sua forma de ensinar (BRASIL, 1997)

Com isso a tradição empregada na matéria deixou conseqüências e hoje com a nova demanda de jovens os autores repensam e escreve novas tendências para a Educação Física. Muitas vezes ainda não aplicadas na maioria das escolas tendo em vista a ruptura que se encontra entre a produção acadêmica e a aplicação na realidade, além de outros fatores, como a dificuldade de aplicação da nova teoria por parte dos professores formados que sofre grande influência do "como" eles tiveram suas aulas na infância ou mesmo na graduação e o modo como vão ministrar a aula para seus alunos.

Nessa parte de conhecimentos de base para exercer a atividade profissional de professor, Tardif; Raymond (2000) ressalta diversos saberes que dão base e principalmente aqueles que vêm da experiência na prática da docência e que acaba sendo mapeada principalmente por suas experiências antes mesmo da universidade. Portanto, o grande modelo para o futuro professor acaba sendo professores com os quais tomou contato durante sua vida e dos quais foi aluno.

Essa dificuldade de aplicação das teorias e a falta de comunicação com os alunos e da leitura de sua realidade, a dificuldade de mobilizar esse aluno para que entenda a real necessidade de se aprender o que os professores de Educação Física ensinam acaba gerando um grande espaço entre o que se tem para ensinar e o como se deve fazer isso.

Tal espaçamento gera um ambiente de tensão que é pouco produtivo para a aprendizagem, já que vem carregado de indisciplina, algumas vezes desrespeito que acaba colocando por terra o real papel da escola ainda mais quando se pensa em jovens que tem sua própria história e que tem opiniões e discussões para realizar sobre os assuntos abordados em aula. "A maioria dos professores esforça-se por «dar a matéria» da melhor forma possível, trabalhando para o aluno através de um grande esforço nem sempre compreendido." (SAMPAIO, 1997, p.4).

As metodologias de ensino são grandes aliadas dos professores quando

usadas corretamente para que o professor consiga chegar ao aluno de modo que esse passe a reconhecer na figura do professor um aliado e não apenas autoritário e dono do saber. Assim como o professor precisa ensinar aos alunos e conquistar sua confiança para que junto com o aluno o conhecimento seja construído.

Para entender melhor o que está acontecendo na escola é preciso escutar e descobrir como os professores que já estão atuando na área observam as mudanças dos alunos ao longo do tempo e se conseguem mudar suas metodologias para atingir esse novo aluno e como isso se dá.

## 4 REVISÃO DE LITERATURA

As reflexões deste capítulo tomam como ponto de partida o pressuposto de que nossa imagem de juventude é uma herança compartilhada socioculturalmente. Neste sentido a juventude é constituída como a representação de um grupo social, elaborada no contexto histórico e ideológico de uma sociedade que se industrializa e que coloca em causa as condições fundamentais de sua vida particularmente em meio às contradições sociais inerentes às formas atuais de mundialização do capital. A possibilidade do compartilhamento sociocultural desta imagem de juventude é resultado de uma certa convergência sócio-antropológica do universo cultural de uma sociedade. (GOEDERT, 2005, p.14).

Com essa afirmação podemos discutir que o próprio conceito de juventude é um conceito histórico-cultural, assim como os jovens também são produtos de uma sociedade em constante mudança e tem sua própria cultura e opinião que são construídas de acordo com o momento histórico e com contexto na sociedade que está inserido.

Essas mudanças constroem um novo tipo de aluno que, segundo Sampaio (1997) não aprende mais como antigamente em forma linear e uniforme, onde o poder ficava com aqueles que eram mais instruídos, como se esses fossem os verdadeiros e os outros não tivessem nada a acrescentar ao ensino. Aos alunos esperava-se apenas escutar e assimilar o que recebiam de seu professores ainda mais, por que ninguém discutia e questionava e os que isso faziam eram excluídos e repreendidos.

La Taille (1996) percebe três momentos da questão da disciplina na escola o primeiro momento alunos dispostos a acatar, depois, em um segundo momento, alunos que tendiam a discordar e propor e hoje um “auditório de surdos”.

O porquê dessas conclusões foi tirado são discutidas pelo autor como um conjunto de ações (como por exemplo: os pais não quererem frustrar os filhos e acabam cedendo às suas vontades) durante a vida desses alunos que geraram valores que diferem de outras gerações constituindo assim um novo aluno que se importa mais com seu “eu” do que com a sociedade que está inserido. “Além disso, vive-se uma crise de valores, sobretudo com a imposição de referenciais midiáticos, nos quais vale mais a aparência do que o conhecimento ou o engajamento social.” (SANTOS et al, 2008, p. 118).

Os olhares que para ele são legítimos, pois geram um sentimento de

vergonha que é a consciência de ser objeto de olhar e julgamento do outro (podendo esse ser positivo ou negativo), são os olhares que para a criança ganham certo valor de acordo com suas vivências e experiências, podendo ser o olhar dos pais, dos amigos, dos professores e seu próprio olhar (como no caso de uma experiências particular ter fracasso, ou seja, mesmo sem ter alguém observando seria um motivo de vergonha).

Essa vergonha que se constrói de acordo com a autonomia que a criança tem, a validade dos comentários que recebe durante suas ações, se recebe apenas elogios ou críticas negativas quando faz algo errado, vão delimitar o sentimento de vergonha na criança que vai evoluir com sua idade.

Para isso devemos pensar que: o que vai motivar e internalizar as regras da escola, a importância das relações são as respostas e os incentivos que a criança recebe durante sua vida, se tivermos pais que valorizam o ser mais forte, por exemplo, essa criança só sentirá vergonha do olhar alheio quando não conseguir ser a mais forte, já quando a mesma quebrar alguma regra pode não sentir vergonha disso, pelo fato que durante a construção de seus valores (aquilo que foi ensinada a dar importância) o “obedecer” a determinadas regras não foi privilegiado. Portanto, se o professor cobrar desse aluno algo que não está estabelecido por ele como um valor poderá não surtir efeito, pelo simples desconhecimento dos valores que o professor carrega para si e por esses valores não serem os mesmos do que seus alunos, gerando ocasiões de indisciplina por falta de conhecimento das regras que os professores valorizam.

A moral nesse caso seria mais um dos fatores que justificariam essa falta de diálogo sendo explicada por não ser a mesma e ser entendida de maneira diferente entre alunos e professores. Essa moral, segundo La Taille (2004), acaba sendo definida quando colocamos situações de conflitos entre valores e de acordo com um senso de justiça, que deve envolver as relações interpessoais, damos razão a um dos lados do conflito. Portanto, ela fica à mercê da interpretação e dos valores que damos a cada situação.

Sendo assim, ficaria difícil de estabelecer uma relação entre aluno e professor, levando em consideração que certos valores são diferentes e estão em constantes mudanças, seja por razão da época, da educação que foi dada na família, das exigências de cada cultura.

Para isso, Aquino (1996a), tenta lembrar que mesmo com as reclamações dos

professores a respeito dessa dificuldade de conciliar a moral (estabelecendo esses como deveres) do aluno e assim a manifestação de casos de indisciplina têm-se que prestar atenção que o aluno não é apenas educado por ele, mas por uma articulação com a família que deve se responsabilizar também pelo crescimento da criança.

Outra frustração dos professores traduz-se no fato de que os pais de seus alunos acabam cobrando deles um alto desempenho com competências que o próprio pai não teve durante sua infância. Segundo Lajonquiére (1996), caracterizando assim a criança ideal e não a real, pois esta deve aprender, além do que ela não sabe, aquilo que os pais projetam nela gerando uma maior carga para os professores, que com uma cota maior de cobranças e menor de soluções acabam sentindo-se perdidos em relação ao que realmente ensinar e suas verdadeiras tarefas relacionadas à educação.

Para compreendermos essa afirmação é necessário entender primeiro que Lajonquiére (1996) traz uma gama de informações sobre o desejo dos pais em relações aos filhos que se traduz nessa frase:

Em outras palavras, se antes se pedia, com ou sem chicote, à criança que fosse um adulto mais ou menos educado, com o tempo passou-se a almejar cada vez mais que possuísse no futuro toda potência imaginária que o adulto pensa que lhe falta e que, portanto, não o deixa ser feliz. (LAJONQUIÉRE, 1996, p.32)

Passando assim o desejo para os educadores que tentam se desdobrar e junto com uma possível falha de disciplina, que deveria vir da família, acaba fracassando e gerando um quadro bastante conhecido com atos que vão de barulhos em sala de aula à desrespeito com o professor (chegando até em quadros de violência).

Nesse aspecto La Taille (1996), trata a indisciplina com duas possíveis vertentes a primeira que o ato de indisciplina não precisa estar necessariamente ligado a uma falha na moral (o que há de moral em ter que pedir para ir ao banheiro?), assim como a disciplina algumas vezes é imposta por medo de alguns castigos ou por comodidade em se obedecer a determinadas regras para não entrar em confrontos com o professor, por exemplo. Mas os atos que ligam a disciplina à moral existem como aqueles que colocam o problema entre as relações do indivíduo com um conjunto de regras e muitas vezes com o desrespeito pelo próximo (seja professor ou colega). Nesse sentido gera situações conflituosas nas aulas de

Educação Física, na qual o ambiente torna-se inapropriado para o ensino.

Aquino (1996a) lembra da importância do professor se focar em passar a matéria e da ligação que a escola deve fazer com a família. Para que o papel do educador, que é transmissão de conteúdos, no caso da Educação Física os movimentos gerados pela cultura (o que não é pouca coisa), seja transmitido e que o papel da escola não se torne exclusivamente disciplinador.

Tal disciplina é proposta por Guirado (1996) como sendo resultado do poder que necessita dessa organização para ser exercido. Antes a autora afirma que era necessário grandes atos de punição em público para que se pudesse manter o poder pelo medo, já na atualidade a autora defini a disciplina, como:

*O poder disciplinador caracteriza-se, sobretudo. Pela vigilância (olhar hierárquico), pela sanção normalizadora e pela combinação de ambos num procedimento que lhe é bem específico, o exame. Nada de força bruta, nada de castigos majestosos. Basta que se dê visibilidade aos comportamentos mais simples e corriqueiros, por uma disposição física do ambiente que as condutas serão mais “produtivas”, evitar-se-ão as desordens, restringir-se-ão as margens de erros. (GUIRADO, 1996, p. 64)*

A discussão e reflexão proposta é que talvez se possa atribuir outros significados à indisciplina, como a ousadia, a criatividade, o inconformismo e a resistência, que não estão diretamente ligados à negação da disciplina. (SANTOS, 2008, p. 120).

Portanto, a negação da disciplina nesse caso seria uma conseqüente fuga a esse método de poder que é institucionalizado pela escola, com o professor assumindo o papel de autoridade que observa e corrige comportamentos e o aluno sendo vigiado acabaria, também, podendo vigiar aquele que o vigia, ou seja, ele de seu ponto de vista procuraria brechas na visão do professor e aproveitaria para quebrar as regras que envolvem o ambiente escolar como a cola para a prova.

Nesse momento percebemos que o poder envolve as relações professor aluno e as tira de papel de opressor/ vítima, já que uma vez que se assume um papel, esse não é necessariamente bom ou mal e sim parte de um sistema que já existe e que para transformar a educação em algo que não seja apenas maçante para alunos e estressante para professores devem-se voltar os estudos para novas maneiras de ensinar, onde não se crie um papel de autoridade e sim de cooperação para o único objetivo de transmissão dos conhecimentos da cultura corporal.

Tais papéis tornam-se difíceis de serem transformados, pois a própria instituição se caracteriza “enquanto um conjunto de práticas ou *relações sociais* que são marcadas pela repetição” (AQUINO, 1996b, p. 16). Nessas relações na qual a mais corriqueira é a do professor e do aluno que se estabelecem as relações de poder acima citadas e que de acordo com a repetição tornam-se institucionalizada de modo a dificultar as mudanças no âmbito escolar.

Para transformar essas relações é necessário que o aluno e o professor sejam capazes de compreender a razão para qual estabelecem essa relação primordialmente. Ou seja, entender o que se busca na relação entre professor e aluno. O objetivo da escola é ensinar e isso deve ficar bem claro para ambos e o como isso vai ocorrer de modo que seja possível um ambiente produtivo sem que o professor ou o aluno assumam seu papel de vítima ou opressor.

Para isso Cortella e La Taille (2005) caracterizam o olhar que devemos oferecer em nossas relações humanas de modo a acolher o outro como sendo parte de nós ao invés de discriminá-lo como sendo um estranho que não faz parte do grupo. Nisso caímos na relação na qual o professor deve entender o aluno mesmo com todas as diferenças “geracionais” como sendo parte do “nós”, de modo que esses se aceitem e gerem um ambiente sem desconfiança, ou melhor, que se gere confiança em professor e aluno para que possam trilhar os melhores caminhos em busca de uma educação que seja construída por ambos.

Isso ocorrerá de modo que ao legitimar o aluno e o professor como um “nós” onde um aceita e acolhe o outro para crescimento mútuo, acaba-se legitimando o olhar de um sobre o outro, gerando assim um sentimento de vergonha que pode ser positivo quando o sentir vergonha pois “aquele olhar” (no caso o professor) que o aluno reconhece o elogiou ou sentir vergonha quando sabe que fez algo errado, mesmo não sendo pego, o aluno associa o erro ao seu próprio olhar e sabe que se for “visto” fazendo algo errado sentirá essa vergonha negativa, por conseqüência faz com que o aluno procure não agir desse modo. Nesse caso cabe ressaltar que tal situação aconteceria por uma estabilidade na relação professor e aluno, na qual o medo não deve acontecer, pois se buscaria no erro uma chance para se aprender, enquanto no medo o erro é visto como motivo para a punição e, portanto para manter o poder disciplinador.

Aquino (1996b) ao analisar diversas frases de alunos e professores nota certo padrão nas respostas traçando uma linha sobre o pensamento do aluno sobre o

professor e vice-versa, mostrando que o professor sente-se frustrado em relação a indisciplina do aluno, a bagunça, a falta de vontade, sono durante as aulas e apatia.

Mais ainda o olhar do aluno consiste em um olhar diagnosticador da conduta docente, desvelando traços implícitos e desenhando uma série de atributos contra-idealizados, no caso: o autoritarismo, ausência de diálogo e de abertura, impermeabilidade às transformações que o aluno venha nele imprimir, além de desinteresse e falta de paixão pelo trabalho. (AQUINO, 1996b, p. 153).

Com isso podemos perceber o que Cortella e La Taille (2005) afirmam sobre o outro ser visto como um estranho, portanto não faz parte do “nós”, ficando assim distante e passível de julgamento.

Como forma de resistência a homogenização criada pelos professores, os alunos parecem criar todo o ideário próprio com relação à ocupação dos lugares. Mas ambos utilizam a mesma estratégia: o olhar avaliador sobre o lugar alheio, a partir do próprio lugar. (AQUINO, 1996b, p. 153).

Em relação a essa distância que muitas vezes se estabelece entre professor e aluno parece haver vários desentendimentos sobre o papel que o outro exerce e a dificuldade de ambas as partes de crescimento na educação por parecer julgar e desvalorizar a figura do outro. Os alunos quando colocam o professor como autoritário, sendo que o professor busca justificar sua postura em cima da indisciplina do aluno, criando assim um círculo vicioso.

Para isso devem-se mais uma vez refletir sobre o poder disciplinador, pois a indisciplina citada pelos professores muitas vezes não passa daquela indisciplina que La Taille (1996) diz que é sem a moral (como formar filas, pedir para ir ao banheiro) e que, portanto só legitima o poder que é posto pelo professor sobre o controle dos alunos, mas que na realidade não reflete necessariamente um melhor ambiente para o ensino.

É preciso achar assim um caminho que leve não de volta ao passado, tão memorável por alguns, que consideram a disciplina de antigamente (obtida muitas vezes pelo medo) algo bom, mas não é possível também que se permita que os alunos vivam um *carpe diem* eterno onde não necessitam estudar, pois vivem o hoje de um modo (negativo) como se o amanhã não fosse existir, justificando assim atitudes que não cabem no melhoramento da sociedade, já que “por que vou melhorar um mundo sendo que posso morrer amanhã?”. Criando assim uma cultura

onde o viver agora e intensamente acontecem todos os dias, mas como o futuro vem para a maioria e com a falta de planos gerada por esse “estilo de vida” acaba-se não planejando um futuro melhor e conseqüentemente um mundo mais justo para as gerações vindouras.

Pensando agora na formação de alunos e na dificuldade encontrada em estabelecer um diálogo presta-se atenção a questão toda, na qual pensa que a vergonha e os valores dos alunos mudam rapidamente e de acordo com sua história de vida. E os professores por estarem acostumados a determinadas realidades ou memórias de seus tempos de escola onde se criou a impressão que todos obedeciam, acaba entrando em conflito e não conseguindo adaptar sua aula e conseguir a atenção do aluno por diferentes abordagens.

Isso se reflete no momento da avaliação e o como os alunos reagem as notas, já que por conta das mudanças e do fato do professor não se legitimar para esse alunos o quadro que antes era dos alunos que não tinham boas notas ou não executavam um exercício corretamente sentiam vergonha de não ter conseguido realizá-lo, hoje parece ser até motivo de orgulho para alguns não conseguirem boas notas, tendo uma inversão desses valores, já que em alguns ambientes os alunos mais excluídos são aqueles que obtém boas notas.

Ficando cada vez mais complicado para o professor compreender e intervir nessa nova realidade de sala de aula com valores diferentes do que ele tem em sua memória e dos que estão sendo vivenciados pelos alunos.

Dentro da Educação Física o ensino se constitui com grande influência do militarismo e esportivismo, o que gera por um longo tempo a exclusão e uma mentalidade de competição e com isso abre-se pouco espaço para uma discussão mais acentuada sobre o verdadeiro papel da Educação Física. Sua função na escola começa a ser questionada, até que a lei da LDB que coloca a Educação Física como componente curricular e com necessidade de se ajustar às faixas etárias e às condições da população escolar (BRASIL, 1997). Com isso podemos levar em consideração que faz parte do papel da Educação Física analisar o contexto na qual sua escola e seus alunos passam para poder adequar o conteúdo a essa realidade, o que muitas vezes não ocorre por uma falta de diálogo entre professor e aluno.

A falta de diálogo e compreensão leva a uma questão de indisciplina que pode ser pensada em dois aspectos, o desinteresse dos alunos em tentar compreender e ter certa força de vontade que trata de negar vontades para se

centrar em questões como no estudo. A outra visão seria a falta de interesse dos professores em fazer a releitura da realidade e da cultura jovem desses alunos, que segundo Goedert (2005), é quando se identifica três fenômenos: a identificação dos jovens com práticas esportivas, sua relação com economia de mercado e seu espantoso internacionalismo.

Daí resulta que uma parte do mundo adulto considere que as crianças e jovens não se comportem de maneira digamos “compatível” com aquilo que se desejaria – que, aliás, seria uma calma impossível –, por isso a queixa relativa à disciplina. (CORTELLA; LA TAILLE, 2005, p. 11)

Quando se tem essa diferença de objetivos podemos perceber que os professores em relação a questão disciplinar consideram disciplina como algo que na verdade é uma queixa moral que foi criada devido ao problema de conduta. Muitas vezes a disciplina se refere ao método utilizado para a aula. Nesse sentido o que os professores talvez desejem e que Cortella e La Taille (2005) exemplifica e explica da seguinte maneira:

'Como faço para meu aluno ficar quieto?; 'Como faço para haver mais respeito?' etc. Insisto sempre nisto: vocês querem educação moral? Bom, primeiro, é preciso organizar a escola para isso e não ficar apenas se lamuriando, sem programas educativos. (CORTELLA; LA TAILLE, 2005, p. 12).

Tais programas educativos devem refletir a formação e a preparação do professor para abarcar determinadas situações que acontecem no cotidiano escolar. Para esse professor mudar a realidade de indisciplina, falta de diálogo com os alunos, falta de interesse é necessário que busque fazer uma leitura de sua realidade e que perceba um ambiente de criação para seus próprios métodos que abarquem teoria e prática reflexiva. Na qual seu cotidiano vira objeto de estudo e de busca de técnicas e soluções que voltem para sua própria realidade de modo a obter as transformações específicas.

Com isso observa-se a importância da formação desse profissional, que vai depender de vários conhecimentos base.

Esses saberes provêm de fontes diversas (formação inicial e contínua dos professores, currículo e socialização escolar, conhecimento das disciplinas a serem ensinadas, experiência na profissão, cultura pessoal e profissional, aprendizagem com os pares etc.). (TARDIF; RAYMOND,

2000, p.3).

Para Tardif; Raymond (2000), a formação do professor se dá muito antes da universidade, existindo assim um momento pré-formação no qual o aluno passa cerca de 20 anos sendo submetido à convivência quase diária com um professor, criando antecipadamente a sua inserção na profissão uma imagem do que é ser professor (bom e ruim) e o como se deve lecionar. Existindo assim um momento pré-profissional que é formado por diversas experiências provenientes da socialização. E nesse momento os professores criam crenças que vão acompanhar e se manifestar mesmo depois de sua graduação.

Quando pensamos com La Taille (1996), que para esses alunos a indisciplina seria uma falta da disciplina, que é por sua vez o reflexo do que os alunos carregam de valores morais e a vergonha que sentem de quebrar essas regras, sozinhos (autonomia) ou perante os olhos dos outros, portanto a indisciplina seria a quebra da moral. Por não ter essa incluída em sua auto-imagem, não sentindo vergonha dessa quebra, pois os olhos do professor não fazem parte do grupo que está conectado com seu sentimento de vergonha e nem o ato realizado.

Essas questões ficam claras quando nota-se que o sentimento de vergonha está sendo mais associado à noção de ganhos íntimos (dinheiro e sucesso na vida) do que ao desempenho de papéis na sociedade. Com isso a vergonha passa a enfraquecer em situações públicas e ganhar força quando relacionada a um fracasso financeiro. A escola perde nessa relação, pois a moral que antes colocava a situação de disciplina na escola era de domínio público e se a vergonha em relação a esse domínio diminuiu também diminuiu a disciplina e o cumprimento das regras específicas para esse ambiente.

Para isso o professor deve tomar cuidado em não cobrar uma disciplina sem moral, pois a moral exige uma disciplina (quando se coloca conflitos e valores, além de virtudes o ambiente torna-se respeitoso e gera uma disciplina), mas a disciplina sem moral está naquela onde o criam-se regras que não necessariamente estão envolvidas com o bem-estar e foram internalizadas e favorecem para o aluno um ambiente de autonomia (por exemplo, pedir para ir ao banheiro). Tornando o cumprimento das regras algo que parta do entendimento de ambos que existem para tornar o convívio melhor e o processo de ensino aprendizagem facilitado e não para que o aluno cumpra regras que não compreende por medo ou que as ignore

deliberadamente criando um ambiente desrespeitoso.

Juntamente com a questão da moral o professor parece estar abandonado e ser responsável por essa escola que, cada vez mais, não atende aos interesses do aluno e da sociedade. Segundo Zandonato (2004), a escola acaba se transformando em uma instituição normaliza onde os alunos não conseguem difundir suas diferenças, além disso, o autor aponta na relação aluno-professor o não querer de certos alunos com o qual ele não sabe lidar, ficando assim saudosista de uma época que o respeito se revelava, muitas vezes, com parcela de medo de manifestação.

Assim estabelecem-se relações diferenciadas entre professores e alunos e essas são de fundamental importância para a transmissão dos conteúdos da Educação Física. Pois com a boa relação o ambiente de ensino é favorecido e acaba facilitando a aprendizagem do conteúdo da cultura corporal, através de metodologias que supram a necessidade do como o professor deve ensinar, mas antes de começar a relatar os caminhos que professores da área vem tomando é necessária a definição do que realmente é essa relação professor-aluno e o que ela supõe.

Sendo assim alguns autores apontam maneiras da manifestação da relação professor-aluno durante o período da aula. Estando eles dentro das áreas: político-filosófica, psicológico-interacionista e psicanalítico. (AQUINO, 1996b)

No enfoque político-filosófico da relação professor-aluno o autor vai descrever idéias de diferentes teóricos relacionando principalmente com algumas teorias e correntes educacionais e nesse enfoque visa estabelecer alguns papéis políticos na educação (no caso do aluno e do professor):

É uma relação pedagógica em que se estabelece um contato interpessoal com base em propostas educacionais, modelos sociais e culturais, bem como em motivações, interesses e expectativas dos elementos envolvidos. Por ser uma relação pedagógica, visa à promoção do homem, ao desenvolvimento da capacidade de compreensão, de reflexão, de crítica e autocrítica. Esta relação não é desvinculada de um contexto social e cultural e de um momento histórico. A prática educativa viabilizada através da interação professor-aluno transcende o espaço da sala de aula constituindo-se, também, numa prática social. Por isso, é fundamental a todo professor ter uma visão clara de mundo, de sociedade e uma filosofia de educação explícita que lhe permita reconhecer seu compromisso com o educando não se restringe aos conteúdos escolares, mas que também há entre eles um compromisso político. (GRILLO apud AQUINO, 1996b, p. 27)

Ao observar essa afirmação sobre o enfoque político-filosófico da relação professor-aluno percebe-se uma necessidade do professor estar esclarecido quanto a sua função junto ao aluno de ajudá-lo a se desenvolver e da sua importância no “contrato” com a educação. O primeiro momento percebemos, portanto a necessidade do professor conhecer o papel social que carrega seu trabalho. Observa-se inicialmente que poucas funções são atribuídas aos alunos.

No segundo enfoque psicológico-interacionista as obras apontam ainda para a importância do papel do professor, mas aparece outro viés na análise dessa relação.

A conduta do professor, nas interações que realiza com o aluno ao longo desse processo, está baseada na percepção que possui sobre este relacionamento. As percepções do professor na situação de interação professor-aluno sofrem influência dos sentimentos [...] (CABRAL apud AQUINO, 1996b, p.30)

Percebe-se, portanto um novo enfoque que passa do meio institucional para uma relação onde os sentimentos passam a figurar.

No último enfoque psicanalítico o papel do professor seria em ajudar a construir a identidade do aluno. Para esses teóricos os alunos buscam se identificar com o professor e acolher aquilo que desejam passar, buscando assim absorver os conhecimentos que os professores articulam e transmitem, sendo papel do aluno “ingerir e digerir” aquilo que lhe foi transmitido e uma vez que faça sentido para ele começa a fazer parte da sua identidade (KUPFER apud AQUINO, 1996b).

Depois que se percebe sob os três enfoques o que é a relação professor-aluno percebemos que essa é de fundamental importância para a transmissão da cultura e que vai, além disso, encontrando nesse meio uma maneira de construção do aluno e de interação onde o professor e o aluno reagem mutuamente a atitudes do outro e com um contrato social que essa relação visa já que o professor ao exercer o cargo e o assume socialmente e politicamente.

Além disso, segundo Tardif; Raymond (2000) o professor como antes estava escrito não vai construir apenas a identidade do aluno e sim a sua, pois:

[...] sua identidade carrega as marcas de sua própria atividade, e uma boa parte de sua existência é caracterizada por sua atuação profissional. Em suma, *com o passar do tempo*, ela tornou-se aos seus próprios olhos e aos olhos dos outros um professor, com sua cultura,

seu *éthos*, suas idéias, suas funções, seus interesses etc. (TARDIF; RAYMOND, 2000, p. 1).

Quando pensamos na relação aluno professor ela se torna de fundamental importância nessa construção de identidade e de papéis sociais, além do conteúdo.

Isso aparece refletido nas aulas de Educação Física onde se podem observar as relações professor-aluno e a construção dos conhecimentos da cultura corporal de movimento, para que faça sentido na realidade do aluno de modo que esse possa apropriar desses conhecimentos e mais do que isso utilizá-los em sua vida para torná-la mais ativa e com lazer.

Nesse momento deve-se prestar atenção a relação professor-aluno e como ela se dá através das metodologias de ensino para que o professor com o conteúdo específico da Educação Física consiga chegar ao aluno, que como já dito está mudando e construindo uma cultura própria estabelecendo novas dinâmicas na relação professor-aluno. Que pode aparecer com certas dificuldades, pois como já abordamos anteriormente a indisciplina/disciplina está presente nesse ambiente e sua variada causa e conseqüências.

Para que essa observação seja feita a relação aluno-professor será abordada focando a necessidade de novas metodologias que se adéquem e interesse aos alunos, tomando o cuidado do professor em fazer a releitura desse novo aluno dentro das aulas de Educação Física para que realizem uma ponte entre o que se quer ensinar e a quem quero atingir, ou seja, qual a melhor maneira de fazer.

## 5 METODOLOGIA

Para a realização desse trabalho empregou-se uma pesquisa qualitativa descritiva que está de acordo com os objetivos de estudo. O método utilizado foi uma entrevista semi-estruturada, que de acordo com Nogueira-Martins e Bógus (2004) é utilizada para situações onde o que se quer conhecer é mais relevante que o número de sujeitos.

Diferentemente da pesquisa quantitativa, a qualitativa busca uma compreensão particular daquilo que estuda; não se preocupa com generalizações populacionais, princípios e leis. O foco de sua atenção é centralizado no específico, no peculiar, buscando mais a compreensão do que a explicação dos fenômenos estudados. Isso não significa, entretanto, que seus achados não possam ser utilizados para compreender outros fenômenos que tenham relação com o fato ou situação estudada. Para que isso possa ocorrer, o pesquisador precisa, com os dados obtidos, atingir um nível conceitual, que é o que vai possibilitar o aproveitamento da compreensão obtida no estudo específico". (NOGUEIRA-MARTINS e BÓGUS, 2004, p.48)

Portanto, a escolha do método é fundamental para refletir aquilo que se deseja conseguir com a pesquisa. E a escolha da entrevista semi-estruturada foi o método que mais atendeu aos requisitos desse tipo de pesquisa, já que se devem procurar questões que seguem uma forma mais flexível deixando o sujeito mais livre para formular seus pensamentos de modo a atender o tema em foco. (ROSA, et al, 2006)

Para isso alguns cuidados como o do registro devem ser tomados para que a entrevista seja leal aquilo que o sujeito entrevistado realmente deseja transmitir ao entrevistador.

Há alguns cuidados requeridos para a realização de qualquer tipo de entrevista. O respeito pelo entrevistado envolve desde um local e horário marcados e cumpridos de acordo com sua conveniência até a perfeita garantia do sigilo e anonimato em relação ao colaborador. Ao lado do respeito pela cultura e pelos valores do entrevistado, o entrevistador tem que desenvolver uma grande capacidade de ouvir atentamente e de estimular o fluxo natural de informações por parte do entrevistado, de forma que ele se sinta à vontade para se expressar livremente. (NOGUEIRA-MARTINS e BÓGUS, 2004, p.50).

Ou seja, se realizou uma entrevista com o respeito que é fundamental assim

como o compromisso com a pessoa entrevistada e com o objetivo da pesquisa.

Para o registro dos dados, utilizou-se a gravação da entrevista e depois se realizou a transcrição. A gravação permite contar com todo o material fornecido pelo informante, o que não ocorre com a utilização de anotações. A fala dos diversos sujeitos foi transcrita de forma a recuperar a integralidade dos depoimentos. (NOGUEIRA-MARTINS e BÓGUS, 2004).

Portanto o gravador esteve presente, mas Rosa et. al. (2006) lembram que o entrevistador deve minimizar o efeito do gravador durante a coleta de dados para que as idéias do entrevistado apareçam da maneira mais natural possível.

Dentro do tipo de entrevista (a entrevista estruturada ou fechada, a semi-estruturada e a entrevista livre ou aberta) a escolhida foi a entrevista semi-estruturada, pois, parte de perguntas básicas foram apoiadas no interesse da pesquisa, que no caso é o como o professor lê esse novo aluno e como percebe mudanças e adequa seu método de ensino à essa questão.

Os critérios para a composição do grupo foram compatíveis com os objetivos do estudo, ou seja, a amostra foi intencional, pois foram selecionados os indivíduos mais adequados quanto à possibilidade de fornecerem as informações mais úteis para a pesquisa (WESTPHAL et al, 1996).

Dessa maneira segundo ROSA et al. (2006) os sujeitos acabam possuindo as informações ligadas ao objetivo da pesquisa. Com isso a escolha do entrevistado tem que estar de acordo com o que se deseja na pesquisa para que os dados sejam relevantes e demonstrem o objetivo do estudo. No caso desse trabalho professores com no mínimo cinco anos de docência na área da Educação Física, em escolas do ensino Fundamental e Médio, pois se entende que a partir dessas séries os alunos começam a participar (ou não) da aula de Educação Física com mais independência e opinião, para observar se ao longo do período de magistério notaram diferenças e mudou seus métodos para o ensino da Educação Física.

Portanto, a pesquisa é qualitativa descritiva, que utilizou como método de coleta de dados uma entrevista semi-estruturada com professores com no mínimo cinco anos de docência, que sejam da área da Educação Física.

Para a escolha desses professores utilizou-se os contatos pessoais. “Dessa forma, evita-se abordar diretamente o indivíduo, sendo a ligação feita através de um canal social.” (ROSA et al, 2006, p.50).

A amostra foi composta de cinco professores que lecionam em escolas.

Que anteriormente leram, concordaram e assinaram com o “Termo de Consentimento Livre e Esclarecido” (TCLE). E de acordo com o comitê de ética eles não serão identificados. Sendo representados por S1, S2, S3, S4 e S5.

O sujeito S5 não foi entrevistado já que se aposentou, portanto, ficou de fora da amostra intencional que era de professores atuantes na área.

Sujeito	S1	S2	S3	S4
Onde se formou:	“Escola de Educação Física de São Carlos”	“Escola de Educação Física de São Carlos”	UNESP de Rio Claro	“Escola de Educação Física de São Carlos”
Ano de conclusão	1985	1981	1989	1980
Tempo que dá aula	25	30	12	30

**Quadro 1** - Reconhecimento dos sujeitos.

Fonte: Própria.

Esses sujeitos concordaram e responderam as seguintes questões:

1. Você nota diferença entre suas primeiras turmas e as turmas atuais?
2. Quais?
3. O que gerou essa diferença entre as turmas (caso ela exista)?
4. Sua maneira de dar aula mudou?
5. Como?
6. Por quê?
7. Como você dá aulas?
8. Existem casos de indisciplina na sua aula?
9. Como lida com casos de indisciplina?

As entrevistas ocorreram no local e horário escolhido pelos entrevistados e suas entrevistas foram gravadas em um gravador da marca “Olympus” (digital voice recorder WS-321M) e depois foram transcritas.

## 6 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados e discussões foram realizados em blocos: As respostas obtidas nas questões geraram um quadro que, juntamente com citações da entrevista, foram discutidas e analisadas a seguir.

PROFESSOR/ QUESTÃO	S1	S2	S3	S4
Se nota diferença das primeiras turmas para as turmas atuais?	SIM	SIM	SIM	SIM
Quais?	Indisciplina e falta de interesse	Falta de interesse pela Atividade Física	Falta de interesse, displicência, falta de educação, descompromisso e irresponsabilidade	Falta de respeito e falta de educação
O que gerou essa diferença?	Progressão continuada e falta de responsabilidade	Influência da tecnologia	Influência da tecnologia	Pais trabalham mais e a escola fica responsável pela educação

**Quadro 2** - Enfoque nas mudanças ocorridas nas turmas ao longo do tempo.

Fonte: Própria

Como podemos observar todos os sujeitos responderam notaram diferenças entre as turmas iniciais e as turmas atuais (primeira questão do quadro), sendo que, na maioria dos casos o tempo decorrido entre a primeira turma e a atual turma é de no mínimo dez anos.

Segundo Sampaio (1997), um pluralismo cultural maior ao qual o jovem tem acesso (várias religiões, partidos, etc.) gera uma nova maneira de ser aluno, que é diferente do aluno de anos atrás, que não sofria influência de tantas tecnologias, significados plurais que hoje marcam o dia-a-dia dos jovens.

A questão da tecnologia citado por Sampaio (1997) transparece na fala de dois dos quatro professores entrevistados nesse estudo.

*“Pode ser que pelo avanço da informática, os interesses mudam, então, hoje em dia eles estão mais preocupados em ouvir música, falar no celular, acessar a internet, Youtube, Twiter do que conversar em um grupo eles preferem conversar e se comunicar via e-mail do que sentar, trocar idéia, conversar, acho que isso daí tem uma influência no que eles não tem mais vontade de fazer, eles querem saber só de tecnologia, tudo muito à mão, tudo muito fácil.” (S3)*

Esses apontamentos entram como a origem das diferenças das turmas

iniciais para as turmas atuais que justificam, inclusive, a falta de interesse e compromisso do aluno pela aula de Educação Física, e sua prática como o S2 discute em outro trecho da entrevista:

*“[...] é muita diferença, o mundo mudou muito hoje, a internet mudou muito, hoje as crianças são muito estimuladas, poucas são aplicadas ao esporte”.*

Podemos, portanto, perceber que a aula de Educação Física por ser considerado um momento de lazer por muitos alunos perde espaço quando outras opções de lazer como as tecnologias, o celular, por exemplo, começam a fazer parte do cotidiano escolar. As tecnologias tornam o cotidiano do jovem mais acelerado com suas imagens rápidas assim como são os jogos de computador que, ao contrário da escola, mudam rapidamente sua configuração. (SANTOS, 2008).

Percebe-se também na fala desse professor a linha esportivista ainda muito utilizada dentro da Educação Física, que é um resquício de sua própria história, sendo talvez necessário avaliar que a falta de interesse do aluno possa vir de uma prática que poderia ser mais diversificada se utilizar de outros elementos da cultura corporal.

Além desse professor mais dois professores (S1 e S3) notaram a “Falta de interesse” como sendo uma das principais mudanças das turmas ao longo dos anos fica claro na fala de S3 afirma que: *“Antigamente, quando eu comecei a dar aulas eu notava que os alunos participavam mais, que eles gostavam mais de fazer, eles tinham mais interesse em aprender”.* Isso pode ser gerado além da tecnologia, apontada tanto por Sampaio (1997) quanto por Goedert (2005), em outros estudos percebe-se que por uma seleção de conteúdo adequado para conseguir prender a atenção dos alunos *“[...] há mesmo uma deficiência das escolas em lidar com os novos interesses do jovem, ou ambos.”* (DARIDO, 2004).

Isso justificaria a falta de interesse pelas aulas de Educação Física que por seu histórico e por evidência na mídia acaba selecionando alguns temas da cultura corporal de movimento em detrimento de outros.

Outra justificativa para essa mudança no comportamento são as relações familiares que passaram a sofrer mudanças em suas estruturas sendo essas desorganizadas ou inexistentes (SAMPAIO, 1997). Percebe-se que as mudanças nas atitudes dos alunos de acordo com isso, segundo o professor entrevistado S3 *“[...] porque eles não têm educação na própria casa com os pais [...]”.*

E em outro momento afirma: *“Acredito que eles já não respeitam os pais em*

*casa. Pela atitude deles não têm um pulso firme que tá orientando em casa, que tá dando atenção, que tá.. eles são muito soltos, eles não tem orientação em casa”.*

Essa mesma diferença é notada, também, pelo S4 *“Eu acho que é por causa do nosso tempo, hoje a maioria dos pais trabalham”* e depois *“porque hoje em dia os pais acham que a escola é um depósito de alunos, então eles acham que a educação é a escola que tem que dar e não é isso, né?”.*

Segundo Lajonquière (1996), quando a família projeta seus desejos nos filhos e isso é cobrado dos professores que se sentem frustrados, pois além de transmitirem o conteúdo, no caso da Educação Física é a cultura corporal de movimento, se sentem mais responsáveis pela educação que falta em casa e são afetados por isso no seu cotidiano.

A indisciplina tem uma série de razões. Uma delas refere-se às dificuldades que, atualmente, muitos pais enfrentam em impor limites aos filhos. Na maioria dos casos, porque não permanecem tempo suficiente com os seus filhos e quando os vêem preferem não discutir. (SANTOS et al, 2008, p. 118)

Esse excesso de atribuições aos professores poderia estar gerando um maior desgaste que é percebido quando esses professores reclamam constantemente da falta de respeito criado no ambiente de trabalho, o que fica claro na entrevista a S3:

*“Os alunos estão muito displicentes, mal educados, descompromissados, eles não tem compromisso com nada, eles não querem assumir responsabilidades com nada, eles vêm para a escola mais, acho que, à passeio do que para aprender alguma coisa”.* (S3)

La Taille (1996) justifica esse desgaste extra na escola como fruto do conflito entre gerações que não buscam os mesmos objetivos e não carregam uma moral e valores próximos.

Por conta de pais que por uma diferença de crenças tem medo de limitar e frustrar os filhos cedendo assim às suas vontades

Isso gera uma diferença nos novos alunos em relação a valorização do seu professor e de suas aulas criando um quadro onde os alunos não assumem o que os professores ensinam como necessário, pois seus objetivos passam pela família e ambiente que está inserido valoriza e não mais pela escola.

S4 também percebe isso:

*“Hoje em dia eles não respeitam mais os professores, pode ser em qualquer área não tem mais respeito, mesmo na Educação Física, que é uma das matérias que eles mais gostam, dependendo da turma dá uma canseira na gente.” (S4).*

Segundo Huberman (1997), em seus estudos sobre as tendências gerais no ciclo de vida dos professores, percebe-se que essa fala dos professores pode ser encaixada no que o autor descreve como “conservantismo e lamentações” que seria uma fase na vida do professor na qual “queixa-se da evolução dos alunos (menos disciplinados, menos motivados, decadentes). Com isso devemos prestar atenção que além dessas mudanças serem parte de uma possível mudança de geração é possível que faça parte do discurso ligado ao tempo de profissão dos professores avaliados nesse estudo.

Mas essa falta de responsabilidade dos alunos notada pelos professores é o que gera a diferença entre as primeiras turmas e as mais recentes. Diferenças que o professor S1 aponta como sendo resultado da “Progressão Continuada”, pois para o aluno não tem mais o “dever” de prestar atenção nas aulas para conseguir passar de ano o que gera a indisciplina. *“Tá.. Disciplina é.. o problema da disciplina e o problema do interesse. São duas coisas interesse e disciplina, cada ano que vai passando vai piorando a situação.” (S1).*

Portanto, as diferenças são geradas por esse conflito moral e de valores que mudam com as gerações.

Por conta das novas tecnologias, novos objetivos e valores empregados na sociedade aos quais os jovens ficam expostos e constroem sua própria cultura e modo de ser que não é mais fruto exclusivo da escola, família e religião, mas de relações complexas com amigos, internet, televisão que acaba afastando seus valores daqueles que os professores carregam e muitas vezes não conseguem se adaptar a essas novas exigências e se sobrecarrega, pois as novas estruturas familiares não ensinam valores que são reconhecidos pelo professor como sendo respeito, disciplina e responsabilidade e os professores aqui entrevistados percebem essas novas relações e visualiza isso como as diferenças de turmas de anos atrás para hoje.

Professor/ Questão	S1	S2	S3	S4
Sua maneira de dar aula mudou?	Sim	Sim	Sim	Não
Como?	É mais flexível e evita desgaste	Maneira de interpretar os fatos.	Está desestimulado, esmorecido e acomodou	
Por quê?	Mudança da “clientela” e mudança da realidade.	Por mudanças que ocorrem ao longo dos anos.	Falta de material, falta de local apropriado e cansaço físico pelo tempo na profissão e falta de resposta do aluno	
Como dá aula?	Procura desenvolver trabalho cognitivo e de coordenação motora e muda metodologia de acordo com a turma.	Utiliza o caderno do Estado, mas procura trazer algo interessante para eles, mostrar a importância da atividade física e procura pedir pesquisas.	Passa informação em sala de aula e depois passa prática em quadra (não cobra muito a prática, que acontece meio-dia em quadra descoberta)	Utiliza o caderno do estado e passa um aquecimento e alongamento inicial

**Quadro 3** – Considerações dos professores sobre sua aula.

Fonte: Própria

Tendo em vista que quando questionados se percebem mudanças na turma todos os professores perceberam no segundo bloco que traz à luz a questão de como dão aula e se mudaram a maneira de dar aula ao longo do tempo três dos quatro sujeitos notaram diferenças na sua maneira de dar aula.

Essas mudanças ocorrem se justificando principalmente no tempo de profissão e na mudança dos alunos o que remete a questão de que a disposição dos professores para a aula mudou por conta da falta de resposta que os alunos demonstram a indisciplina que é gerada por mudanças de geração e falta de objetivos e valores em comum. Isso fica claro na fala do professor S1:

*“Antes eu tinha.. como a clientela era diferente, como a responsabilidade era diferente sua aula fica compatível com a realidade. Então hoje eu tenho.. eu sou mais flexível pra.. pra certos tipo de coisas que eu não aceitava.” (S1).*

S2 também demonstra esse tipo de adaptação e aceitação em relação as novas atitudes dos alunos. Eles estão sem responsabilidade e mais indisciplinados, S2 afirma:

*“[...] a gente vai mudando conforme as coisas vão mudando, mas meu modo de pensar não muda, certo? minha maneira de interpretar as*

*coisas realmente mudaram” e S3 percebe que: “o cansaço do professor, os anos que ele já tá, a falta de resposta do aluno, tudo isso vai desestimulando, desestimulando, então a gente vai esmorecendo e vai acomodando.” (S4).*

Todas essas respostas geram um quadro de professores que parecem estar desiludidos com a realidade das novas turmas e a dificuldade encontrada para transmitir o conteúdo da cultura corporal de movimento em um ambiente onde alguns princípios básicos como educação e respeito acabam não favorecendo o ambiente de ensino. Como na fala de S1: *“[...] cheguei a um ponto que não comecei a me desgastar mais, entendeu? porque não estava.. num.. num tava rendendo nada.. não ia render nada. A realidade é outra.”*

Já para Huberman (1997) esse afastamento, do entusiasmo que é descrito na fala de alguns professores como S3:

*“No começo, acho que no começo é mais ou menos parecido para todo mundo a gente tem “pique”, tem um ideal, você acha que vai mudar tudo, que vai chegar e sua aula vai ser diferente, que vai fazer tudo do jeito que você planejou que vai sair perfeita, mas aí depois você começa a se decepcionar porque tudo que você planejou nem sempre sai daquele jeito” (S3).*

Essas falas acabam se enquadrando em algumas das fases de vida do professor que é marcada por certo conformismo, um amadurecimento profissional onde se baixa o nível de investimento e uma reconciliação entre o eu ideal e o real.

Outra resposta comum foi a utilização do caderno do estado nas aulas de Educação Física que dois dos cinco professores buscam seguir o caderninho do estado, que é composto de diversos temas da cultura corporal, mas que nem todos professores se sentem preparados para abordar em aulas como o caso do S2:

*“[...] você tem que dar aula no estado hoje vêm um cronograma de trabalho pronto, mas eu mesclo um pouco daquilo que eu acho interessante para eles e daquilo que o estado manda que tem também muita coisa que eu não concordo, muita coisa que eu não sou especialista naquilo e a gente tem que passar”. (S2).*

Com isso o professor tenta se adequar aos caderninhos, mas procura dar sua contribuição no que acha interessante.

Outro exemplo é o que S4 aborda:

*“[...] agora nós temos esse, essa, com essa mudança do governo, temo aquele caderninho que nós temos que usar, em parte facilitou porque nós já temos o que dar durante o bimestre, mas geralmente com a aula eu acrescento é com alongamento, aquecimento e aí vão.” (S4).*

Já o professor S1 define a aula com trabalhos que desenvolvam o cognitivo e a coordenação motora: *“[...] tem uma classe era uma beleza eu desenvolvi o trabalho perfeitamente, o trabalho cognitivo, de coordenação motora, uma beleza.”*

Pode-se notar que o trabalho que consegue desenvolver em algumas salas de aula está ligado ao comportamento e a respostas do aluno, pois descreve depois:

*“Outra classe de 1ª série eu cheguei a um ponto que não comecei a me desgastar mais, entendeu? porque não estava.. num.. num tava rendendo nada.. não ia render nada. A realidade é outra. Então a metodologia que você usa com “A” é diferente que você usa com “C”. Não vai querer fazer a mesma coisa com escola diferente, com classe diferente.” (S1).*

Essas diferenças são percebidas em relação às turmas e a realidade e diferença dos alunos que acabam gerando salas diferentes de outras por conta de tipos de relação diferenciados “Como forma de resistência a homogeneização criada pelos professores, os alunos parecem criar todo o ideário próprio com relação à ocupação dos lugares.” (AQUINO, 1996b, p.153).

Isso justificaria a diferença que ocorre entre as turmas como já foi mencionado pelo S1.

É aquilo que Cortella e La Taille (2005) descrevem como falta de “nós” nas relações nas quais eu me coloco junto com o outro para construir a educação e não o outro como um estranho e sim como aquele que deve reconhecer, seja no aluno ou no professor uma possibilidade para crescimento.

O contrário desse movimento é aquele que em todo momento os alunos percebem as reações e estímulos do professor, pois esse fica mais exposto para vigiar os alunos e manter a ordem e acabam eles mesmo sendo alvo de vigias e abrindo brechas para os alunos escaparem do sistema empregado. (GUIRADO, 1996)

Outro fator que está ligado na fala do S3 é a falta de estrutura para dar aula, ainda mais a falta de investimento público que, muitas vezes, afeta a Educação

Física que é uma das poucas matérias que saem da sala de aula e necessitam de um mínimo espaço físico e de condições climáticas favoráveis para algumas práticas.

*“Então, às vezes, ah.. hoje eu vou deixar jogando bola porque eu vou fazer o quê meio dia e meio?” e “Então eu acho que a estrutura física, a quantidade de material, os horários, acho muito errado esse horário para a Educação Física.” (S3).*

Mesmo assim esse professor tenta transmitir o conteúdo da melhor maneira e combater com isso a falta de estrutura para sua aula:

*“Eu não tenho coragem. ãh.. da mesma forma que essa foi uma turma que eu entrei meio dia e meio e eu seguro na sala de aula, eu converso, eu passo coisas que acho interessante para eles, informações, até poder com eles descer para vir para esse calor né?” (S3)*

Essa dificuldade de falta de material e estrutura é citada por outros autores:

Investigamos suas dificuldades: a falta de infra-estrutura adequada para as aulas de Educação Física, material didático, baixo "status" da disciplina ou componente curricular, indisciplina, falta de interesse e agressividade dos alunos e solicitamos sugestões para saná-las. (Gaspari et al, 2006, p. 134)

O único entrevistado que admite não mudar a aula é S4:

*“Eu acho que ainda não. Embora eu seja meia ultrapassada eu ainda sou uma que.. que gosta muito do que faço, não sou aquela que chega e joga bola e a maioria dos professores hoje não, chegam e jogam a bola.” (S4).*

Revela outro conhecido tipo de professor que faz parte da Educação Física escolar no qual alguns professores “rolam a bola”, ou seja, não ensinam e sim deixam os alunos fazerem o que quiserem na sala de aula.

Na fala desse professor que não se encaixa nesse grupo, portanto não precisa mudar as aulas, mesmo que em outros momentos se queixe do comportamento dos alunos em aula *“Hoje em dia eles não respeitam mais os professores, pode ser em qualquer área não tem mais respeito, mesmo na Educação Física, que é uma das matérias que eles mais gostam”.*

O que gera um conflito de respostas, pois ao mesmo tempo em que sente a

mudança dos alunos ao longo do tempo não muda suas aulas e percebe a falta de respeito por parte dos alunos. Talvez não reflita que os alunos não aprendem mais da maneira como era antigamente e que a mudança cultural e tecnológica precisa que as aulas mudem para que o conteúdo da cultura corporal seja transmitido e vivenciado pelos alunos (SAMPAIO, 1997).

Portanto, a maioria dos professores procura adaptarem suas aulas de acordo com aquilo que percebem e sentem da realidade, se os alunos não respondem as atividades ou se mostram indisciplinados com o tempo na profissão acabam não enfrentando mais os alunos para evitar o que S1 chama de “desgaste”.

PROFESSOR/ QUESTÃO	S1	S2	S3	S4
Tem casos de indisciplina?	Sim	Sim	Sim	Sim
Exemplo	Não participar	Falta de respeito com o colega	Agressão verbal e não participar	Agressão verbal e falta de respeito
Como lida com casos de indisciplina?	Conversa, encaminha para a direção da escola e punição (não participa das atividades, não ganha nota)	Conversa e encaminha o caso para a direção da escola	Chamar a atenção, encaminha para a direção da escola e não dá atenção.	Fica bravo, tira da aula, coloca sentado e encaminha para a direção.

**Quadro 4** – Enfoque em momentos de indisciplina durante a aula.

Fonte: Própria.

No quadro 4 pode-se observar que os professores relataram casos de indisciplina em suas turmas, mas varia de professor para professor.

O professor S1 considera como sendo indisciplina casos em que o aluno não participa da atividade:

Cortella e La Taille (2005) vai se referir a isso levando em consideração a diferença de valores que cada um atribuiu a essa prática. O aluno pode ter sido ensinado em casa, pelos pais e pela sociedade que está inserido de outra maneira que não seja de dar valor à participação na aula, o que vai frustrar o professor, já que esse tem todos os valores e preceitos morais que consideram a participação da atividade como sendo algo importante.

S3 afirma que: “[...] tem muito aluno que não quer fazer mesmo então ele enfrenta o professor 'não vou mais fazer e pronto porque eu não tô afim' e isso acontece mais com o ensino médio [...]”, que segundo Darido (2004) também está ligado a seleção de conteúdos que o professor realiza para transmitir sua aula, que

talvez não motive o aluno ou por experiências anteriores que podem ser desfavoráveis à sua prática.

Esse aluno também não tem a sensação de dever em relação à escola, pois muitas vezes não vai acontecer nada com ele “[...] então ele tava na 5ª e tava ‘eu posso repetir’, mas isso foi modificando [...]” (S1) revelando que a Progressão Continuada acaba transmitindo ao aluno uma falta de responsabilidade em cima da participação das aulas.

Os outros professores consideram como sendo indisciplina casos que passam por agressão verbal e desrespeito pelos colegas de turma e pelo professor.

Com isso o ambiente escolar fica impossibilitado de se ter aprendizagem. Para La Taille (1996) o sentimento de vergonha que os alunos deveriam ter em relação ao ato de ofender o próximo ou o professor não existe, pois algumas vezes ele foi criado em um ambiente que não permitiu à ele construir uma moral que faça aparecer o sentimento de vergonha quando ofende alguém. O que faz com que ele internalize as regras e dê valor as relações são suas experiências e as respostas que obtém através de suas ações, se essas respostas não foram negativas para a agressão verbal o aluno acaba não reconhecendo isso como errado, portanto não é vergonhoso.

*“[...] não é mais uma coisa que eu vou bater de frente mais porque eles não têm educação na própria casa com os pais. Então para eles falar um palavrão é a mesma coisa de falar ‘bom dia’, ‘tudo bem?’ eles falam palavrão à torto e à direito.”* (S3).

Para Aquino (1996a) o professor não deveria ficar responsável pela educação completa do aluno, o autor reforça a necessidade de uma articulação entre escola e família.

Para lidar com os casos de indisciplina parecem existir estágios, nos quais o primeiro momento cada professor toma uma atitude que procura corrigir ou mostrar para o aluno que sua postura foi errada

Assim o faz o professor 1: *“Primeiro tento tomar a minha providência, eu prefiro fazer uma intervenção, conversar, é.. se tiver que dar uma punição, alguma coisa, é feito.”*

O S2 afirma que *“A primeira coisa eu procuro não punir eu procuro conversar passar para ele a importância que é respeitar as pessoas”; “Eu chamo a atenção quando eles falam palavrões entre eles, eu chamo a atenção que não é para falar*

*palavrão[...]*” (S3) ; “ *Eu fico brava, eu tiro da aula, eu ponho sentado [...]*” (S4).

Podemos perceber que os professores buscam criar no aluno uma consciência de que o ato realizado contra os colegas ou o próprio professor é errado, pois esses atos como visto anteriormente são de falta de respeito e agressão verbal para com os colegas e professor. Mas como essa consciência e vergonha por ter realizado um ato de agressão teria que ter um fundo moral que vêm de uma educação e influências do meio do aluno acaba muitas vezes não surtindo efeito. (LA TAILLE, 1996)

Por isso três dos cinco professores excluem o aluno da participação da aula como modo de “punir” o aluno pela falta cometida: “ *Ele não participa da atividade*” (S1), “*eu ponho “na geladeira”, não dou atenção.*” (S3) e “[...] *eu tiro da aula, eu ponho sentado[...]*” isso ocorre principalmente porque “De acordo com CAVIGLIOLI (1976, apud DARIDO, 2004) os alunos têm tendência a apreciar disciplinas relacionadas à liberdade, alegria, interesse, beleza e prazer, e ainda com distração e que não sejam relacionadas com trabalho.” (DARIDO, 2004).

Neste grupo, localizam-se alguns discursos que, concomitantemente e em conseqüência à questão da liberdade, indicaram como possíveis intensificadores da indisciplina nas aulas de Educação Física os seguintes argumentos: o aumento do contato físico e da agressividade entre os alunos, a necessidade de se gastar energia por parte dos mesmos, os gritos em detrimento ao murmúrio do ambiente de classe e a dificuldade de controle da classe por parte dos professores. (SANTOS, 2008, p.129).

E a atitude tomada pelos professores de excluir o aluno da atividade seria uma tentativa de evitar que ele tenha esse momento prazeroso que é propiciado pela Educação Física.

Pode-se perceber uma linha de atitudes nos professores que vão de atitudes como conversar e/ou excluir da participação da aula e o mais extremo que seria levar à diretoria da escola.

Como afirma os professores: “*você pode pedir pra direção tomar uma providência*” (S1), “*se eu não conseguir resolver eu passo o caso para direção e a direção toma as providências*” (S2) e “*levo na diretoria, ontem mesmo já levei porque fui chamar a atenção tirou sarro de mim e eu não admito isso.*” (S4).

Esse quadro mostra que a diretoria é o último recurso que o professor executa em casos de indisciplina, pois quando todas suas tentativas falham, ele

busca levar para a diretoria, já que o fracasso dessas tentativas estaria associada a falta de autoridade e de respeito que o aluno têm para com o professor e há uma busca em alguma “autoridade maior” a resolução do problema.

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo dessa pesquisa foi perceber as mudanças que estão ocorrendo nas turmas de alunos com o passar do tempo, à partir da fala dos professores de Educação Física, e como esses que estão há anos na profissão lidam com estas mudanças.

Para isso utilizou-se a entrevista semi-estruturada que por permitir maior flexibilidade nas questões deixou o professor mais livre para expressar suas idéias à respeito do assunto.

Essa entrevista foi gravada no horário que os professores preferiram e assinaram o TCLE, depois os dados foram transcritos e deram origem às análises. Essas foram divididas em blocos de conteúdos de acordo com as perguntas e as respostas dos professores, sendo esses: “As mudanças ocorridas nas turmas ao longo do tempo”; “Considerações dos professores sobre sua aula”; “ Momentos de indisciplina durante a aula”, que foram analisados e discutidos, gerando assim alguns pontos mais relevantes obtidos com essa pesquisa. Os principais resultados dessa pesquisa apontaram que:

- Os professores perceberam diferenças nas suas turmas ao longo do tempo.
- Dessas diferenças as mais citadas são a falta de interesse e a indisciplina dos alunos.
- Do ponto de vista desses professores as diferenças citadas são geradas pela influência das tecnologias e principalmente pelas mudanças ocorridas nas relações familiares.
- A maioria dos professores mudou a maneira de dar aula devido as mudanças nos alunos ao longo do tempo ou por falta de estrutura da escola.
- As principais mudanças foram: os professores evitam se desgastar, não encara os fatos da mesma maneira e alguns estão desestimulados.
- Para transmitir o conteúdo da cultura corporal a maioria utiliza o caderno do estado e a teoria separada da prática.
- Todos relataram ter casos de indisciplina que consideram, ora sendo agressões verbais, ora a não participação dos alunos nas aulas.
- Um dos apontamentos para a questão da não participação e da falta de

interesse dos alunos pela aula de Educação Física seria talvez a dificuldade de o professor conciliar o seu objetivo e modo como ministra suas aulas com conteúdos de interesse desse aluno e o contexto deste.

- Para solucionar casos de indisciplina os professores buscam ações similares como conversar acerca do problema, diminuir a nota, retirar da prática (pois muitas vezes a aula de Educação Física está ligada ao prazer) e encaminhar para a direção (sempre aparece como último recurso).

Com esses tópicos podemos perceber uma dificuldade gerada por uma mudança nos valores carregados pelos professores e pelos alunos, que antes contavam com uma estrutura familiar bastante rígida que valorizava a escola de uma maneira diferenciada, numa sociedade que caracterizava por outros ritmos e valores.

Em muitos momentos a escola ou os ambientes que cercam o aluno podem ter mostrado que a escola tal como ela se configura não são mais a solução, nem a resposta a verdadeiras questões.

Percebe-se hoje uma mudança na origem dos valores que não são apenas transmitidos pela família, religião e escola, mas que são estruturados por amigos, por informações que chegam através da tecnologia que muda rapidamente e que a escola não consegue acompanhar e utilizar.

Por terem origens tão diversas e pela estrutura e tipo de relação familiar se transformar rapidamente (na maioria os pais trabalham e deixam o tempo livre que têm com os filhos para passar momentos agradáveis, deixando a principal fonte de educação para a escola) criando assim alunos com valores diferenciados de outras gerações.

Os professores sofrem com essa mudança de valores que acabam se manifestando em agressão verbal, pois se o que eles valorizam é diferente e até desconhecido do que o aluno e todo seu contexto valoriza, esse por sua vez ao não se sentir contemplado pela escola nos seus objetivos sente-se frustrado. Assim, chega a utilizar de agressão verbal contra os professores que carregam os seus valores e não conseguem mais criar um ambiente propício para a transmissão da cultura corporal, já que para ele o respeito é o mínimo necessário para se criar um ambiente de aprendizagem.

Muitos desses alunos entendem que a escola não é mais fonte de seu futuro sucesso “Tenho a impressão de que vivemos em uma sociedade em que a idéia de merecimento perdeu força, notadamente em relação à idéia de direito” (CORTELLA;

LA TAILLE, 2005, p. 57). Os alunos tendem a achar que a escola assim como passar de ano, tirar nota, participar da atividade ou não, leva a um “futuro melhor” e que esse vai ser alcançado por outras vias, já que a própria escola tem dificuldade de conectar os conteúdos com o contexto do aluno.

Assim eles acabam valorizando os atalhos que podem tomar para chegar ao que vêem como “sucesso” e essa idéia é, muitas vezes, reafirmada pelos pais e pela cultura da criança, mas torna-se perigosa já que acaba sendo considerada importante qualquer forma de se chegar ao sucesso independente da trajetória percorrida.

Esse professor não consegue escutar e adaptar suas aulas e os conteúdos aos novos valores dos alunos o que parece criar um círculo vicioso, pois se não compreende o aluno ele também não é compreendido.

Segundo Sampaio (1997) é preciso que a escola utilize de imaginação e improviso, assumindo alguns projetos coletivos e esforços necessários ligados aos seus atores dando assim sentido e modernidade à essa escola.

O que configura um novo desafio para o professor que precisa lidar com valores diferentes, selecionar os conteúdos da cultura corporal e construir esses conteúdos com os alunos. Esses que são tão diferentes do aluno ideal esperado e do aluno que os professores dessa pesquisa tiveram nos anos iniciais de suas carreiras dificultando assim, seu trabalho de com a Educação Física na escola, o que já é um desafio.

Também não podemos jogar toda a responsabilidade da educação apenas para a escola e sim em uma articulação dessa com a família do aluno para que o professor cumpra o papel da Educação Física na escola.

Tanto alunos quanto professores parecem estar sofrendo com a complexidade que se tornou ensinar e aprender nos dias de hoje, onde o conteúdo, os valores, as metodologias mudam rapidamente e a cooperação e compreensão necessária para que esse processo ocorra se tornam rara e pouco valorizada.

O sintoma disso são aulas que ficaram mais difíceis de serem ministradas, pois os alunos não querem escutar e prestar atenção e acabam conversando “paralelamente”, não participando da prática, que é muitas vezes necessária para aprender, de maneira até prazerosa, o conteúdo da cultura corporal. E os alunos por não enxergarem conexão dos conteúdos e sua importância no contexto acabam não se sentindo motivados a participarem e a compreenderem, pois muitas vezes já não

carregam os possíveis valores disso e uma cultura própria que quer mais direitos do que deveres.

Portanto, a pesquisa buscou revelar um pouco do que está acontecendo com alguns desses professores que percebem as diferenças dos seus primeiros alunos para os alunos atuais e tentam à sua maneira mudar e se adaptar para conseguir realizar o seu trabalho, mesmo sentindo dificuldades e ficando até perdidos com essa diferença de valores de sua geração para a geração de alunos.

Percebe-se assim a grande dificuldade que é ser professor de Educação Física nos dias atuais e lidar com alunos que se revelam indisciplinados e até mesmo agressivos por uma falta de compreensão mútua, pois o professor tem dificuldade de adequar os conteúdos aos alunos, principalmente por essa diferença de valores e os alunos de entenderem a necessidade desses conteúdos, mesmo porque isso não é claro no seu contexto e na própria escola que para não sobrecarregar o professor teria que buscar uma maior articulação com a família. Todo esse quadro dificulta o processo de ensino e aprendizagem da cultura corporal.

Para isso é preciso que ambos deixem seus papéis de opressor ou vítima e assumam compromissos para buscar essa compreensão do outro que falta não só na escola, mas na vida em sociedade. Para diminuir assim as dificuldades do ensino da Educação Física (não que seja simples, mas é necessário).

## REFERÊNCIAS

AQUINO, J. G. A desordem na relação professor-aluno: indisciplina, moralidade e conhecimento. In: AQUINO, J. G. (Org). **Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus, 1996a. p. 39-54.

AQUINO, J. G. **Confrontos na Sala de Aula**. 2. ed. São Paulo: Summus, 1996b. 160 p.

BRASIL. Parâmetros curriculares nacionais: Educação Física. Secretaria de Educação Fundamental. - Brasília: MEC/SEF, 1997.

CORTELLA, M. S.; LA TAILLE, Y. **Nos labirintos da moral**. 1. ed. Campinas: Papirus, 2005. 112 p.

DARIDO, S. C. A educação física na escola e o processo de formação dos não praticantes de atividade física. **Rev. bras. Educ. Fís. Esp.**, São Paulo, v.18, n.1, p.61-80, jan./mar. 2004.

GASPARI, T. C.; JUNIOR, O. S.; MACIEL, V.; IMPOLCETTO, F.; VENANCIO, L.; ROSÁRIO, L. F.; IORIO, L.; THOMAZIO, A. D.; DARIDO, S.C. A realidade dos professores de Educação Física na escola: suas dificuldades e sugestões. **Rev. Mineira de Educação Física**, Viçosa, v.14, n.1, p. 109-137, 2006. Disponível em: <<http://www.revistamineiraefi.ufv.br/artigos/arquivos/7828138ea2673071ec9aa11cf361c7ed.pdf>> Acesso em: 27 set. 2010

GOEDERT, R. T. A cultura jovem e suas relações com a educação física escolar. 2005. 156 p. Tese (Doutorado). Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2005.

GUIRADO, M. Poder Indisciplina: os surpreendentes rumos na relação de poder. In: AQUINO, J. G. (Org). **Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus, 1996. p. 67-71.

HUBERMAN, M. O ciclo de vida profissional dos professores. In: NÓVOA, A. (Org.). **Vida de Professores**. 2.ed. Porto: Porto Editora, 1997. p. 33-61.

LA TAILLE, Y. A indisciplina e o sentido de vergonha. In: AQUINO, J. G. (Org). **Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus, 1996. p. 9-23.

LA TAILLE, Y. Vergonha, a ferida moral. 2.ed. Petrópolis: Vozes. 2004. 287 p.

LAJONQUIÈRE, L. A criança sua (in)disciplina e a psicanálise. In: AQUINO, J. G. (Org). **Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus, 1996. p. 25-37.

NOGUEIRA-MARTINS, M. C. F. Considerações sobre a metodologia qualitativa como recurso para o estudo das ações de humanização em saúde. **Saúde e Sociedade**, 2004, v.13, n.3. p.44-57 Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/sausoc/v13n3/06.pdf>>. Acesso em: 09. mar. 2010

ROSA, M. V. F. P. C.; ARNOLDI, M.A.G.C. **A Entrevista na Pesquisa Qualitativa: mecanismos para validação de resultados**. 1.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. 107 p.

SAMPAIO, D. **Indisciplina: um signo geracional?** Lisboa: Instituto de Inovação Educacional, 1997. Disponível em: <[http://sitio.dgdc.min-edu.pt/recursos/Lists/Repositrio/%20Recursos2/Attachments/152/Indisciplina\\_signo\\_geracional.pdf](http://sitio.dgdc.min-edu.pt/recursos/Lists/Repositrio/%20Recursos2/Attachments/152/Indisciplina_signo_geracional.pdf)>. Acesso em: 8. mar. 2010.

SANTOS, I. L.; RODRIGUES, H. A.; FUZZI, F. T.; OLIVEIRA, R. S.; OLIVEIRA, M. K.; PELUQUI, D. F.; DARIDO, S. C. As percepções e os significados para os estagiários de Educação Física em relação à indisciplina na escola. **Rev. Movimento**. Porto Alegre, v. 14, n. 03, p. 117-137, set./dez. 2008. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/2976/4180>> Acesso em: 27 set. 2010

TARDIF, M.; RAYMOND, D. Saberes, tempo e aprendizagem do trabalho no magistério. **Educação & Sociedade**, Campinas, v.21, n.73, 2000, p. 209-244. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v21n73/4214.pdf>>. Acesso em: 25 abr. 2010

ZANDONATO, Z. L. **Indisciplina escolar e relação aluno-professor, uma análise sob as perspectivas moral e institucional**. 2004, 190f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Ciência e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2004.

---

Suraya Cristina Darido  
Orientadora

---

Imaira Bertolini  
Orientanda